

Discurso na cerimônia de assinatura do programa de desenvolvimento tecnológico-industrial entre a Fiat Automóveis S/A e o Ministério de Ciência e Tecnologia

BETIM, MG, 12 DE JULHO DE 1996

Senhor Governador de Minas Gerais, meu companheiro e amigo Eduardo Azeredo; Senhor Ministro da Ciência e Tecnologia, Professor Israel Vargas; Senhores Ministros de Estado – quase todo o Gabinete está aqui em homenagem à Fiat e a Minas; Senhor Embaixador da República Italiana, Oliviero Rossi; Senhor Presidente Mundial da Fiat, César Romiti; Senhor Vice-Governador do Estado de Minas Gerais, Walfrido Mares Guia; Senhores Senadores que me dão a honra da presença; Deputados Federais, Estaduais; Senhor Representante dos 21 mil empregados da Fiat, operário Ricardo Rocha; Senhores Diretores e Empregados da Fiat; Senhora Prefeita de Betim; demais autoridades; Senhoras e Senhores;

Acabo de ouvir as palavras do Rocha, e ele começou dizendo que, pela emoção, talvez não pudesse falar. Hoje, quem não pode falar, pela emoção, é o Presidente da República. Ver materializada aqui, na Fiat, a transformação pela qual está passando o nosso país é alguma coisa que toca muito fundo o nosso coração.

É uma coisa imaginar, de Brasília, um Brasil mais próspero, com muitas dificuldades, lutar para que o Brasil melhore, enfrentar deci-

sões difíceis, às vezes dizer “não”, quando seria fácil dizer “sim” e receber o aplauso, mas sabendo que é melhor dizer um “não” hoje para poder ter um “sim” amanhã, mais consolidado. Outra coisa é ver o resultado concreto das transformações do Brasil.

Essas transformações, sem dúvida alguma, tiveram um impulso com o Plano Real, mas elas se devem a vocês, aos empresários que acreditaram no Brasil, como é o caso da Fiat, dos brasileiros empresários, nas centenas de fábricas daqui de Minas Gerais. Sessenta por cento do que se produz em autopeças aqui na Fiat são produzidos em Minas Gerais. Isso se deve, portanto, a uma rede muito grande de pessoas, mas se deve, sobretudo, aos que estão na linha de montagem, na funilaria, nas prensas, trabalhando, esperando, quem sabe, isso que o Rocha disse hoje: que se entenda que, para progredir, é preciso olhar quem trabalha, que a integração não pode ser vista apenas como uma manipulação para obter mais produtividade. A questão é outra – ele disse muito bem: é a pessoa, é a família, é a qualidade humana da relação de trabalho. Isso não pode ser mistificação para pagar menos, mas tem que ser estímulo para poder pagar mais, porque aumenta a produtividade.

E ao ver que, aqui, dentro desta fábrica, nasceram outras fábricas, ao ver que há um aumento de investimento, que daqui até o ano de 1999 serão mais 1 bilhão e 100 milhões de dólares ou de reais – é a mesma coisa –, ao ver que nos últimos dois anos mais 1 bilhão e 500 milhões de dólares foram investidos; ao ver que isso se multiplica em muitos outros investimentos, percebe-se que o Brasil já deu certo e que há razões para otimismo, que é realista, que não é o otimismo de esconder as dificuldades, de dizer que está tudo bem, porque não está. Mas é o otimismo de quem acredita que vai ser melhor amanhã, que está melhorando hoje e vai melhorar mais ainda com o nosso empenho e com o nosso trabalho.

Foi isso que vi aqui nesta fábrica. E fiz questão de andar nas linhas de montagem, de apertar as mãos de uns e de outros, de ouvi-los mais de perto para sentir até que ponto esse Brasil trepida com vontade. Realmente, é um grande povo esse povo brasileiro, e

é um povo que hoje a ele se acrescenta a força de outros povos, como no passado.

Eu lembrava ao Embaixador, há pouco, que nós estávamos em Caxias, no Rio Grande do Sul, quando me disse o Embaixador da Itália no Brasil: “Parece que estamos na Itália, todos têm semblante italiano.” Em Minas não é bem assim. Mas não só o sangue italiano, o espírito de aventura italiano e a organização estão aqui. Sobretudo, não se trata só de fazer uma obra material, mas há a preocupação com a educação, essa preocupação com os incentivos concretos, para que os trabalhadores e empregados se sintam parte, como disse o Rocha, de um projeto novo. Isso é muito importante.

E, aqui, o que se está fazendo é simbólico – não é só aqui, eu sei, mas aqui é simbólico –, porque estamos lançando um carro mundial. Não estamos, no Brasil, apenas aumentando a produção de automóveis – e aumentamos muito; os dados são claros: depois do Real, mudou muito. Mas não só isso. Muitos países são capazes de produzir mais carros. Aqui é outra coisa. É fazer um carro novo, com engenharia nova, com desenho novo, com procedimentos de mercado novos, para ser lançado no mundo todo. Essa é a mudança do Brasil.

Nós, hoje, aceitamos o desafio da competição. Sabemos que, para competir, muitas vezes, como me disse ainda hoje o Ministro Dornelles, num ou noutro ponto temos que dar condições especiais; mas, no conjunto, nós aceitamos o desafio da competição, porque temos consciência do nosso valor, sabemos que os que investem capital aqui vão ser retribuídos na medida em que também fizerem – como estão fazendo hoje – um esforço para o desenvolvimento, incorporando mais ciência e tecnologia, dando recursos para podermos melhorar as nossas condições de produção. Esse Brasil novo, que aceita esse desafio, está concretizado, hoje, aqui.

O que estamos vendo na indústria automobilística é que nós tivemos, como no conjunto da empresa brasileira, uma primeira fase, nos anos 50, uma segunda fase, nos anos 70, e, hoje, nós lançamos no Brasil um novo patamar de desenvolvimento. Não é o mesmo desenvolvimento, não, é um outro desenvolvimento. É desen-

volvimento para não nos deixar preocupados com o de outros países, senão que, pelo contrário, nos beneficia com o desenvolvimento de outros países, da mesma maneira como os outros países vão se beneficiar do nosso. Aqui também existe um exemplo: há uma fábrica na Itália, outra aqui; os engenheiros vão pra lá e outros vêm para cá, uma parte dos motores vem de lá para cá, outra vai daqui para lá.

O que importa hoje é que não é mais o que os americanos chamam um jogo de soma zero, em que para um ganhar o outro tem que perder. Não. O Brasil que nós queremos é um Brasil onde todos possam ganhar, e não onde uns estão ganhando e outros, perdendo. E esse Brasil novo em que todos possam ganhar precisa de mais emprego. O Governo está empenhando em aumentar os empregos. O Ministro do Trabalho me deu uma informação importante: pelo segundo mês consecutivo, conseguimos dobrar o número de vagas, de empregos e aumentar mais os pólos de emprego do que o número daqueles que são fechados. Vamos seguir em frente, lutando, porque é preciso dar condições concretas de trabalho.

O Brasil novo que nós queremos é também um Brasil em que a renda possa ser redistribuída – e renda não se redistribui com decreto do presidente, não. Renda se distribui é, realmente, trabalhando e produzindo mais, aumentando a quantidade de bens, mas não fazendo com que esses bens fiquem apenas com um grupo pequeno de pessoas. Se ficarem com um grupo pequeno de pessoas, não haverá nem mercado e não será possível vender os dois mil automóveis que se fazem diariamente nesta empresa – porque não basta a exportação, é preciso consumir aqui dentro também. Mas esse Brasil confiante, esse Brasil novo é o Brasil que estou vendo aqui.

Não quero me estender, já falei o suficiente para mostrar o meu entusiasmo, para agradecer a confiança que a Fiat teve no Brasil, para agradecer aos trabalhadores o empenho que estão tendo.

Quero terminar, Governador, dizendo que Minas Gerais, hoje, é para nós, realmente, motivo de orgulho. Minas Gerais, hoje, é um estado que está na dianteira desse novo Brasil, um Brasil confiante,

um Brasil que não esquece as dificuldades, mas que vê mais adiante as possibilidades e avança firme nessa direção.

Se me permite o Governador, se me permite o Presidente da Fiat, termino dando um abraço no Rocha e, ao dar o abraço nele, estendo esse meu abraço a todos os trabalhadores da Fiat.

